

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

31 DE JULHO DE 1965
ANO XXII — N.º 558 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

SALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZEANAS
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

SINAIS

Faltava um quase-nada para o meio-dia. O Rossio era o mar de gente costumado.

Ocupando larga área na fachada de um prédio, dois cifrões luminosos chamavam a atenção com seu intermitente acender e apagar. Por baixo deles, das montras mais lindas de Lisboa realçam o contraste. Nem sempre o bom-gosto coexiste pacificamente com cifrões! Nem estes se preocupam muito com respeitá-lo!

Os cifrões iam acendendo e apagando, não sei quantas vezes por

minuto. Era quase meio-dia... Decerto não era para iluminar ninguém! (Não sei se alguma vez cifrões iluminaram fôsse quem fôsse, mesmo feitos de luz que apaga e acende!...) Antes, seria para atrair, qual pirilampo de forma extravagante e grosseira — como se ali se desse alguma coisa que, primeiro, não fôsse tirada mais abundantemente!...

E eu pensei no logro de insensatos, ou de homens em horas infelizes, que correm, ou têm de correr, a cifrões daqueles, que fingem luz e fazem trevas.

Rua do Ouro abaixo, por entre o turbilhão, continuei pensando com tristeza no despótico reinado de Mamoná — o deus de tantos homens — sobre a servidão impessoal da

maioria, que deixa trocar o nome verdadeiro e simples de empréstimo sobre penhores pelo eufemístico de financiamento, somente porque ali se deglutem quantias gordas e engordantes.

— x —

O auto-carro ia seguindo e eu nele, que, só desci no princípio da zona portuária.

Cafés, cervejarias, clubes, cabarés — lugares de frequência sabida, sobretudo naquelas horas que a parte

Cont. na página 4



Um recanto da nossa Casa de Benguela — Sala de jogos, onde os rapazes passam os seus tempos livres. Construída nos últimos meses. Ao lado, a dispensa.

AREIAS DO CAVACO

Deixou a motorizada encostada a uma árvore. De sandálias nos pés, calça de ganga, uma filha pela mão, aproxima-se. «Há muito que estava para vir cá entregar-lhe estes 50\$00» diz ele, puxando da algebeira.

Não sei quem é, nem procurei saber. É pobre, não tenho dúvidas. Experimenta na sua carne as dificuldades de quem procura o pão para cada dia.

Sem mais, corri a colocar esta «pedra» preciosa no alicerce da nova Aldeia. Acredito. Confio. Tenho a certeza de que é sobre alicerces feitos com joias deste quilate que a Obra subirá.

* * *

Dei voltas pelas casas das madeiras. Todas dispostas a ajudar. E a nossa carrinha lá vai andando, na sua missão de recoveira. Mais um tijolo para o «alicerce»: Tem nove filhos;

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Era um princípio de tarde de sol de Julho ardente. Enquanto esperava por uma boia que me levaria até Lisboa para a nossa reunião mensal, fui aviando alguns dos meus recados. Numa das passagens da Estação Nova ouvi a chamar por mim do outro lado da rua: Minha mulher quer-lhe um recado. Fui.

Tenho passado por ali vezes sem conta e aquela mulher sempre me tem saudado com carinho. Desta vez queria pagar uma promessa. Numa altura economicamente ameaçadora da sua vida, ela estava à Missa em S. Bartolomeu no domingo da nossa passagem. Ouvi aliições de outros irmãos. Também sua Mãe e ela estão aflitas. Pediu a Pai Américo.

Agora queria pagar. É uma semana de trabalho daquele tempo: cem mil reis com um tostão. Eu devia ter ajoelhado diante de toda a gente que passava, para receber humildemente o óbulo fiel daquela mulher que vive pobremente.

Ontem mandei cartas aos Párocos das termas e praias do Centro a pedir para ali falar e pedir no próximo Agosto. Que contraste, meu Deus, eu vou encontrar! Gente escandalosamente gozadora, à procura de moedas, para colocar nas nossas sacas e fatigada por nos ouvir falar da sorte de Irmãos aflitos!

A semana passada, o Banco com que lidamos, mandou-nos recado de que já havíamos passado cheques no valor de vinte e tal contos sem cobertura. O Banco pagaria, mas!... Tenho andado aflito.

Hoje, dia do nascimento glorioso de Pai Américo, cheio de confiança, como aquela mulher de S. Bartolomeu, eu peço-lhe que suplique ao Pai Celeste que dê a todos o sentido verdadeiro do Amor de Irmão. E com esta confiança vou caminhando nesta rota que Ele me traçou.

Senhor, que eu saiba conduzir a Ti aqueles que de mim se aproximarem.

PADRE HORACIO

TRIBUNA de Coimbra

MALANJE

Ele entrou na cubata, gostou da menina e ofereceu a moeda. O pai preto trocou a filha! O velha costume. Ele (branco) começou a viver maritalmente com a rapariga comprada. Nasceram dois filhos.

— Padre, receba-me os meninos. Tenho-lhes muito amor. A minha mulher legítima vem aí. Compreende... Eu pago mensalmente um X.

Outra vez a moeda! Com ela se aproveitou dos costumes dos pretos e pisou a lei. Com ela

quer sacudir a água do capote, entregando os filhos a que tem muito amor.

Nós, não.

Mas... o homem regressa ao lar legítimo. A rapariga faz novo contrato... e não tarda muito, que os ditos meninos entrem na nossa Casa.

Ai! uma autoridade (como as que autuam os carros fora de ordem ou os indivíduos que não pagam o imposto) que tomasse os meninos pela mão e os levasse

ao paizinho (que lhes tem muito amor).

Tudo porque a família se desmembrou! Tantos lares desmembrados e filhos sem ele — porque homens (como este) tendo de vir ganhar a vida, deixaram a família.

Que esforço enorme fazemos todos, no desejo de aclararmos a torrente no seu curso. Esforço vão! Ela vem suja das nascentes. Subamos o rio. Começemos lá. A família!

PADRE TELMO



FACETAS DE UMA VIDA.

Há dois anos, apareceu, pela última vez esta rubrica. Se bem que não haja esperança de continuidade, aqui damos esta carta, com a alegria que ela nos traz na véspera do aniversário — 16 de Julho. É um reflexo encantador da sua alma, pela pureza e simplicidade espontânea da exposição.

O motivo dela é a doença dum primo que vivia afastado. A data, Junho de 1930.

Aleino:

E se você viesse por aí abaixo ao Elísio de Moura? Se eu lhe puder ser útil neste sentido, diga.

Mando um livro para o Aleino meditar. É do actual Patriarca de Lx.^a Dr. Gonçalves Cerejeira; um sábio e um santo. Tenha a certeza que a leitura cuidada deste livro, há-de destruir toda a prosa que tem lido e há-de corrigir o seu pensamento.

O Aleino é de uma escola a que eu também pertencei. Renan, Voltaire, os Enciclopedistas do século passado povoaram o seu tempo de doutrinas elegantes, especiosas e sobretudo doutrinas cómodas que convenceram muita gente, mas que não vencem ninguém. Quem vence é sempre Ele! Quem vence é sempre a Cruz. A vida não é só matéria; é matéria e espírito. Nós todos temos uma alma espiritual, divina, semelhante a Deus, que nenhuma teoria é capaz de destruir.

É muito simples o problema do nosso destino. O Aleino sabe também como eu das toneladas de tinta filosófica que se têm gasto e gastam à roda dele. E no entanto está tudo no Evangelho. Tudo. Saídos das mãos de Deus, nosso princípio, todos tendemos para Ele, nosso fim e este círculo mais ou menos acidentado que no tempo e no espaço se descreve, é o que ordinariamente se chama a vida. Por isso mesmo transitamos; somos viajantes e como tais não estamos aqui no nosso elemento. Cada um sabe por experiência quanto lhe custa viver e se preferimos a vida à morte, nem sempre é pelos encantos da vida mas sim pelo natural horror que sentimos à destruição do corpo; só por isso.

A vida que se vive com agrado e alegria é aquela a que os teólogos chamam vida da graça — que vem a ser a união a Deus desde agora pela Fé, oração e sacramentos, e que desabrocha amanhã na eternidade, então gozando Deus face a face. Eis o nosso elemento. Eis a nossa

Vida. Qualquer alma simples quer do povo quer das elites, precisamente porque simples, assim compreende e pratica a vida. O Gomes Teixeira ou a Matilde do ferrador não lhe dizem as coisas doutra maneira.

Eu sou um caso vivo e desejaria muito ser um livro aberto para todas as almas de boa vontade. Tenho sido um verdadeiro revolucionário e a minha maior glória é não ter coisa nenhuma de que me gloriar. Dr. Regalão! Alberto

Barbosa! e tantos outros da vossa igualha têm vencido todas as dificuldades ou antes, têm-se deixado vencer por aquele grito de Bêngão que Jesus Cristo lança nas almas: — «Sitio!» Tenho sede. De quem e de quê? Da sua alma, Aleino? A Cruz vence sempre. Seja dócil ao chamamento de Deus. Não queira saber coisas sublimes. «Nós temos muito mais curiosidade de saber, do que temos faculdades de compreender». Este pensamento é de Santo Agostinho, o homem que esgotou os horizontes do pensamento, como muito bem sabe.

Quando por aí voltar trarei o livro, porque me não pertence. Saudades do seu primo muito amigo,

Padre Américo!

O nosso portão é testemunha silencioso do espanto de quantos quedam frente ao Calvário, a contemplar a beleza com que o Senhor ornou este poiso de doentes. As curvulhas vestem-se largamente de folhagem. Os cedros medram ríspidos cada um segundo a própria espécie. As lílias e os plátanos vão ganhando copas frondosas, onde as aves babiloizam. Rente aos muros e às moradias, hidrângeas salpicam-se de todos os matizes. Doentes meio válidos varrem ruas, regam flores, alindam canteiros. E só por detrás de todo este panorama verdejante se situa o Calvário dos que sofrem no leito, tantos deles de sorriso franco e encorajantes para quem chega.

O nosso portão é testemunha incomunicável, mas verdadeiro das primeiras impressões dos que se aproximam. Mas, finalmente testemunha de o aguçamento e inquietação que todos levam ao deixar este lugar, onde vivem seres humanos que perderam a saúde ou a quem o Senhor a negou.

Estão três visitantes no nosso portão. O entardecer recorta-os em negro no céu ensanguentado pelo sol posto, e não nos permi-

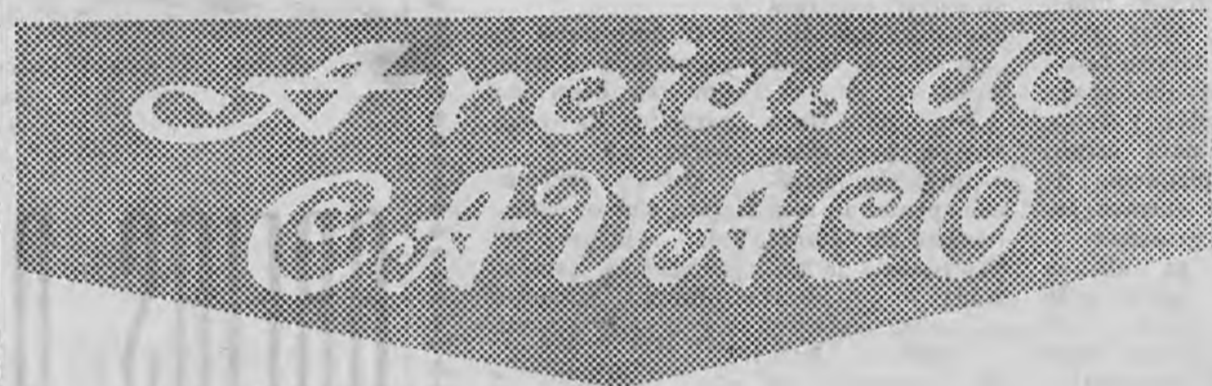


te saber quem sejam. Mas o portão deixa-os passar. Velho amigo deseja mostrar isto a dois colegas médicos. Um destes é inglês e responsável em plano internacional pelos problemas de saúde pública. Por dever de ofício, está habituado a elevar todos os problemas à escala mundial. Para ele isto é gota de água em oceano: deixa-o transparecer em sua flegma inquebrável. Mas Deus gosta de escolher os pequenos para chamar os grandes à razão; eu diria: — ao concreto. Os problemas humanos vistos em mapas, em planos, em gabinetes, não passam de sinais convencionais que o papel regista. Ora, o Calvário é coisa bem concreta. Corpos e almas arrancados à miséria falam eloquentemente por si. E este senhor ao ver tudo, começa a interessar-se e a descobrir. Não fica incrédulo ao que ouve narrar, respeitante ao viver antigo de cada enfermo, porque vê a convicção de quem lho dita. Mesmo depois de se percorrer o munda todo há muita coisa que se não viu. Os nossos olhos fogem instintivamente da miséria; sômente forçando-os, eles a fixam.

E, o interesse deste senhor cresce, quando nota que os doentes estão ocupados, e que o próprio trabalho doméstico é realizado por eles, trôpegos, coxos, diminuídos fisicamente uns e mentalmente outros. Fica radiante, porque normalmente tem encontrado o tédio nos internatos de doentes que visitou. Entre nós, porém, não há ocupação por ocupação, mas trabalho para proveito colectivo e satisfação individual. Cada qual toma a consciência de que não é valor perdido, mas contributo valioso para os outros. Vieram informar-nos há tempos que estávamos a praticar «terapia ocupacional» e muito bem. Os cultos gostam de arranjar nomes bonitos para traduzirem coisas tão simples, que a intuição e o amor sugerem a quem mais não possui.

Mas este senhor ficou por aqui. A parte assistencial foi o limite dos seus horizontes e anseios.

E ficou contente. Nós não. Ficámos com pena que não lhe fosse dado ir mais além. É que a parte assistencial entre nós não é coisa primária. Não fazemos assistência só e primeiramente. Nós amamos o doente, porque



sua casa ainda não está construída, mas é de coração extraordinariamente bom: — «Ajudá-lo-ei em tudo o que me for possível; venha por esta madeira e vou preparar-lhe mais». Já está em nossa Casa.

Ainda não chega. Mais voltas. Mais portas abertas: «A Obra é de todos. Temos obrigação de ajudar. Damos muito, para muitas casas, mas para Obras dessas nunca nos cansamos de dar». Três m3 dela aqui e palavras de muito ânimo. É uma Cruzada em que estão envolvidas todas as forças dos de boa vontade. Todos são chamados.

Mais uns passos e damos de frente com outra serração. Sabemos que não vive desafogadamente e por isso diz: «Sim, Senhor, daremos a nossa quota parte; venha buscar».

Ai! Se todos derem a sua «quota parte», em peso e medida, segundo as possibilidades de cada um, não há problema que se não resolva!

Cont. da PRIMEIRA página

Não parámos. As madeiras faltam. Urgem. Entro e explico. Ouvidos atentos. Corações que se abrem: Está bem. Ainda vem a caminho. Disponha de alguns m3 já serrados e preparados. Venham as medidas». A Obra é grande em todas as dimensões. É sorvedouro de tudo. Capital?... Temos connosco apenas uma confiança desmedida na vossa generosidade e a aflição das dezenas de garotos que nos bateu à porta e não podem entrar porque «não há lugar».

Este é o nosso capital certo. Por amor deles bateremos a todas as portas. Subiremos os degraus das grandes empresas e baixaremos às casas dos pobres. De todos esperamos o seu quinhão.

Agora mesmo, alguém nos procura. Pai, mãe e 7 filhos. Pensa como nós. Confia como nós: «a minha confiança na Providência divina nunca foi iludida» diz a mãe muito baixinho, com os olhos humedecidos.

Também precisamos deste amparo. E foi-se embora deixando em nossas mãos, mais «material» que foi lançado nos fundamentos da nova Aldeia.

Ouvi: a madeira ainda não chega... o cimento também não... Tenho facturas de ferro para pagar... e vou por mais... Lançamos a mão «à rabiça do arado» e não podemos «olhar para trás»...

Levanta o dedo e vou ter contigo... A Obra é tua, porque é de todos... Não te esqueças de a incluir no teu orçamento... Faz como aquele amigo, que todos os meses tira do seu ordenado o quinhão que nos pertence.

Se tens ouvidos... se tens coração... ajuda os teus companheiros de trabalho a ouvir... a amar. Pega no papel e no lápis, coloca o teu nome no primeiro lugar da lista e passa-a aos que estão a teu lado, como aquele homem valente do Lobito; ou como aqueles dois apaixonados pela sorte do garoto da rua, que tomaram a iniciativa de pôr uma lista à disposição dos clientes, em cima do baleão. Já vieram, desta sorte, 22 sacos de cimento e mais esperam pela nossa carrinha. Temos a promessa de pedra, brita... e mais material. Amigo, junta-te a esta legião de amigos... A Lugral alinha, para já, com 10.000\$00. A. C. B., todos os meses do ano com 1.000\$00. P. e Irmão com 500\$ do mesmo modo, e J. D. A. segue a par...

Que ninguém fique de lado...

Padre Manuel António

Visado pela

Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Pão dos Pobres

O ficheiro do livro anda numa roda viva! É correio aos montes, graças a Deus. É o «Caixa d'Óculos» mais interessado, que a responsabilidade obriga. É o Manuel Pinto que também lhe bota a mão. É o Ernesto Augusto que reforma fichas superlotadas. Sou eu que me lanço a desfazer lapsos a quem refila. Nem sempre com razão... Ele mudanças de direcção. Ele nomes trocados ou muito abreviados. Ele livros que se extraviaram. Ele gente que se desobrigou oportunamente, mas... (aqui é que está o grande mal) por esquecimento ou falta de tempo não indicaram o destino exacto da «massa». E como a nossa «desorganização organizada» apesar de simples é um nadinha complexa, isso dá por vezes lugar a complicações do arco da velha. Por isso, somos obrigados a repetir sucessivamente o mesmo aviso: quando alguém se desobrigar tenha a bondade de ser claro, bem claro e suficientemente explícito. Porém, neste aspecto, e na hora H, quase toda a gente nos compreende. Reparem, por exemplo, como esta boa amiga da Praia do Ribatejo sabe da nossa vida:

«No fim do ano passado envié, registada, a quantia de 100\$00 para pagamento de «O Gaiato» — 80\$00 e mais 20\$00 para o «Pão dos Pobres». Não me lembro se distingui estas duas importâncias e é possível que o não fizesse... (o sublinhado é nosso). Daí recebi agora o aviso. Como sucedeu o que apresento, estava sossegada com a certeza de que tinha enviado essa importância. Peço o obséquio de verificarem na minha ficha se receberam. Se não encontrarem peço me digam, na volta do correio.

Chegou tudo em ordem. Simplesmente, não fez o que sublinhamos acima. Agora, porém, a coisa está certa.

Temos para aqui legendas formosas. Tão formosas que nos apetecia pôr todas à luz do dia, no Famoso! Olhem a primeira:

«Por confusão e talvez descuido meu, creio bem que não liquidei o «Pão dos Pobres», que devia ser Pão dos Ricos, para se transformar novamen-

Deus o amou e ama; porque aquele é reflexo de Deus; porque aquele é valor inestimável, que não nos é dado desprezar, já que o Senhor se dignou dar-nos fé. É por este valor divino que cada um deles é, que os amamos e conservamos aqui. Ou antes: — É para os amarmos melhor, que Deus lhes dá este lugar de paz e de repouso, e nele lhes reparte o alimento e franqueia o agasalho e nos dá a alegria de O servirmos a Ele neles.

Como gostaria que estes senhores tivessem descoberto toda a beleza e grandeza com que Deus trata seus filhos doentes.

Padre Baptista

te em pão dos pobres, para cujo pagamento envio 20\$00 junto a esta. Que Deus vos abençoe e proteja».

E a segunda:

«Só as ocupações me forçaram a demorar a remessa. Desculpem. Saúde e crescimento da Obra».

Que delicadeza! Não somos dignos de tanta e tamanha!

Finalmente, é uma presença que espevita:

«Junto envio cem escudos. Pensava enviar ou entregar se o passeio deste ano «pendesse» para esse lado.

Fico mais satisfeita responder assim aos avisos que vocês lançam para o ar. Sacerdotes por vocês assim os esquecidos que por perguça de escrever fazem a triste figura de caloteiros.

Rezem por nós. Deus me ajude também a levar a bom Caminho, o que tanto desejo. Ajudem-me também orando por nós».

E a procissão continua no próximo número se Deus quiser.

Júlio Mendes

BENGUELA

Amigos leitores, aqui vai mais uma crónica de Benguela. O dia 30 de Junho para nós, gaiatos desta Casa, teve um grande significado: vieram para esta Casa mais 4 elementos nossos da Metrópole. São eles 3 rapazes e o Sr. Fernando que é pedreiro. Este último não nos pertence, mas nós temos-lo guardado no nosso coração com todo o carinho visto que ele veio até nós por amor de Deus e da Obra da Rua. Foi ele que viu os primeiros alicerces da Casa de Paço de Sousa e também será ele que verá os da Casa do Gaiato de Benguela. Como sempre, quando está para chegar alguém que nos diz respeito, nós vamos sempre aguardar a sua chegada ao Porto do Lobito. O horário estava marcado para as 6 horas da manhã, mas, como sempre, é raro haver pontualidade e o «Rita Maria» começou a aparecer às 8 e dez minutos. Grande foi a nossa alegria quando o vimos ao longe, pois tínhamos a certeza que tudo tinha corrido bem. A nossa maneira de os receber foi de braços abertos perante risos e saudades, pois eram irmãos que já não víamos há quase 2 anos, irmãos esses que vieram com uma grande responsabilidade pois uma Tipografia em Benguela esperava-os com toda a ansia e eis que eles chegaram. São rapazes como nós. Vieram para viver nas mesmas circunstâncias de todos os rapazes. E pronto, só me resta dizer que eles gostaram muito da quinta e do almoço, etc. Que eles sejam 3 espelhos colocados cada um na sua secção para que os outros possam ver neles boas obras e bom modo de agir.

CASAMENTOS

Nas folhas dos «diários mundanos» as reportagens de casamentos e «casamentos» revestem-se, normalmente, de pompa em todo o sentido. É a categoria dos nubentes. É a família. Pergaminhos do mundo. Os homens são assim — feitos de barro. Gostam de se pavonear. De dar nas vistas. E quantas vezes é fogo fátuo — mal aceso logo se apaga... O mundo!

Aqui, não. Conta, sim, o valor do Sacramento.

Os filhos de ninguém — «lixo da rua» — mas filhos da Obra, longe ou perto, não dispensam uma presença simples do seu dia grande. Sobretudo para que todos os irmãos, toda a família da Obra, participe da sua alegria e dê graças a Deus pelo seu caminho, aberto em nossas Casas.

Aí vai o Teixeira, de Paço de Sousa, ora numa casa bancária do Brasil, e o Manuel Esteves, de Miranda do Corvo, ao lado de suas esposas.

Que Deus os proteja. E saibam dar, para sempre, um testemunho vivo da Obra que os redimiu.



Teixeira e esposa



Manuel Esteves e esposa



● Futura Aldeia — Visto que as obras da futura Aldeia vão começar, torno a lembrar às grandes Companhias Angolanas que não se esqueçam de nós que tanto precisamos da sua ajuda. Se não for em materiais, seja em dinheiro. Mas cantamos também com os pequenos, os pobres.

● Galinhas — Cada vez em maior número. Já nasceu mais uma ninhada de 135 pintos, e as nossas galinhas já põem diariamente 45 ovos. Que Deus multiplique cada vez mais o nosso aviário. Adeus, até à próxima.

ANTÓNIO AUGUSTO

BELÉM

● No domingo passado foi a festa do Santíssimo na nossa freguesia.

Tempo antes da festa, vinha cá a Casa o nosso Pároco ensaiar-nos para irmos cantar à Igreja Paroquial de São Salvador.

Nesse dia as que comungavam foram primeiro a Vil de Moinhos. Quando o Senhor Padre nos viu, ficou muito admirado e disse: — Então vêm aqui?

Nós respondemos à uma: — Senhor Padre, só vêm as que comungam e depois vamos com a nossa Mãe e as outras para São Salvador.

O Senhor Padre respondeu muito rápido: — Ótimo, porque quando o povo está a comungar temos que cantar.

Chegámos lá e fomos para o coro

onde cantámos a Santa Missa em português, o que agradou muito a toda a gente. Estava lá muito calor e tudo muito apertado, tudo a suar e a nossa Mãe, aflita que alguma desmaiasse, mandou-nos tirar os casaquitos.

No fim foi a procissão pelas ruas da aldeia. Nós íamos a seguir ao Pálio com o nosso Pároco, e cantámos muitos cânticos.

Das janelas deitavam muitas flores a Jesus sacramentado. Quando nós vínhamos para casa uns senhores ofereceram-nos um cestinho com coisas doces. Logo à saída do povo vieram três senhores com os seus carros e ofereceram-se para nos trazer à nossa casa. Eram cursistas. Nós já estávamos a ganhar de rezarmos sempre pelos cursos de Viseu.

Foi a primeira vez que fomos à nossa Igreja Paroquial, porque íamos à capela de Vil de Moinhos que fica mais perto. Todas gostámos muito de ir à nossa Igreja e ainda mais por irmos cantar. À saída as pessoas diziam: «que bem que elas cantam, tão afinadinhas».

Na terça-feira vieram cá uns Senhores Padres do Seminário Maior gravar as nossas vozes a cantar a Santa Missa em português. No fim, quando ouvimos o gravador a repetir o que nós cantámos, ficámos admiradas.

A nossa Mãe depois disse-nos que era o Senhor Dr. Virgílio e o Senhor Padre Alfredo.

Fizemos serão até às 10 horas e para despedida deram-nos uns reбуçados. Ficámos todas contentes.

Deolinda

Continua na QUARTA página

VISITANTES

A nossa Aldeia, aos domingos, muda de feição. São as excursões, os visitantes. Romagem persistente, graças a Deus. Ele de camioneta, de automóvel, de comboio, a pé. Gente de todas as categorias. E de vários pontos do país, do ultramar e mesmo do estrangeiro. É que onde pulsa um coração português aí se fala e vive a «Obra da Rua».

Muitos há que tornam duas e três vezes por ano. Silenciosos. Discretos. São os tocados. Não vêm por passeio. Mas d'olhos e alma abertos — para dar e receber. São peregrinos em um Santuário. Tampouco se identificam, como habitualmente, onde o senhor director é que é. Aqui abre-se a porta a toda a gente, sem protocolo. Somos a porta aberta.

No silêncio da nossa capela vive-se, realmente, as horas mais altas de muitos dos peregrinos. Ali é o Ser da Obra. O Lugar onde Pai Américo realizou quanto nossos olhos pecadores vêm, saboreiam e admiram. Foi ali. É por isso mesmo que um e outro e outro cai de joelhos e dá graças a Cristo Jesus por quanto operou nas mãos caris-

matas de Seu discípulo e companheiro de tabernáculo.

Particularmente nos derradeiros domingos, temos recebido excursões em série. São colégios, grupos recreativos, de fábricas, empresas, etc. A mais numerosa, porém, foi sem dúvida a promovida pelos «Eternos Amigos do Padre Américo», de Viana do Castelo. Um mundo de vianenses. Em dezenas de motas, bicicletas, automóveis e camionetas. A visita já firmou tradição. E trouxe um Sacerdote que celebrou três missas. Depois, foi a debandada, pelos recantos da nossa Aldeia. Mas, logo à chegada da caravana, meditei um contraste. De um lado a massa de povo, e as dezenas de veículos. Do outro, a nossa mágoa (mágoa de Viana, também), pelo escasso número de espectadores que, no passado mês de Abril, acolheu a nossa malta no pequenino e belo Teatro Sá de Miranda! Esperamos, no entanto, carta de chamada para a festa do próximo ano. Viana acordará, temos fé, seguindo o exemplo de outras cidades cujas plateias se enchem de um público sequioso do nosso convívio.

Júlio Mendes



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Caros leitores, mais uma vez estamos para vos dar notícias do Tojal.

● CEIFA — Acabou a ceifa. Durante esse tempo, o grupo de cegadores constituído por rapazes, não teve desgaste físico, pois foram bem alimentados a batatas e a «petróleo» (vinho).

O Zeca, encarregou-se de ser o despertador.

5 h. 30m, o Zeca põe todos fora da cama. E assim começa o dia de trabalho. São 9 horas, toda a malta corre para o tanque para se banharem e assim se livram do suor.

A seguir o refeitório enche-se e o cozinheiro vê-se atrapalhado pois tem duas refeições a fazer. O pequeno almoço é formado por um prato de batatas, vinho e café.

Notícia triste: os nossos rapazes não têm calções para o banho; por isso vos entrego este pedido. O resto é convosco. Casa do Gaiato — Tojal.

● DIA VICENTINO — Coube à Casa do Tojal a proeza de no dia 27 de Junho, se ter realizado, o 24.º Dia Vicentino do Patriarcado, em que os gaiatos foram alvo de grandes manifestações de amor já porque somos filhos da Obra do Pai Américo, e porque o Sr. Padre Luis já foi e continua a ser

vicentino da Sociedade de S. Vicente de Paulo. A semana antes tivemos imenso trabalho. O Manuel comandou as operações.

● DOMINGO — Tivemos Missa Solene celebrada pelo Sr. Padre Luis ao meio dia.

Seguiu-se o almoço, os nossos rapazes serviram à mesa. Só queria que vissem, pareciam uns profissionais de hotel!

Seguiu-se a assembleia a que presidiu Sua Ex.cia o Sr. Cardeal Patriarca.

Finda a assembleia dirigimo-nos à Igreja onde recebemos a bênção do Santíssimo Sacramento que foi dada pelo Sr. Padre Carlos.

Todos os confrades foram satisfeitos e alguns na promessa de passarem por cá mais vezes. Pois tu, leitor, não deixes passar o verão. Vem visitar-nos e verás como queres voltar mais vezes.

● PINTOS — Mais duas ninhadas saíram já da chocadeira. O Manuel e o Serpa continuam a sua luta para não deixarem morrer nenhum pinto.

● FUTEBOL — Mais uma taça. Os nossos principiantes deram mais um festival de futebol por uma conta muito jeitosa: 9-0 — calculem!

Se tu, leitor, conheces ou tens algum grupo de futebol vem até nós enquanto a equipa está abaixo

de forma: se vens depois é melhor trazeres uma saca!

Termino esta crónica, e até a próxima se Deus quiser.

● No mês de Maio visitou-nos uma senhora do S.N.I. que tinha feito uma viagem à Terra Santa. Trouxe-nos um filme sobre a viagem. A malta estava a jogar a bola e ouviam-se os gritos alegres da rapaziada:

Eh! malta, hoje temos cinema! À medida que o filme ia correndo a Senhora explicava: Aqui é o estábulo onde nasceu Jesus — Hoje está ali uma lindíssima basílica. Vimos a fonte onde Nossa Senhora ia encher a sua bilhinha de água. Olhem cá está o Rio Jordão e o Lago de Tiberíades. Aqui é o Monte Calvário, a casa onde vivia Lázaro, etc... Ficámos maravilhados e agradecemos muito a esta nossa amiguinha que nos proporcionou uma hora cheia de beleza incomparável.

Mário

PAÇO DE SOUSA

● Somos, por vezes, obrigados a reacções enérgicas, sem que estas, na maioria, sejam compreendidas,

CORRESPONDENCIA FAMILIAR

Querido Pai: Muita saúde e alegria, Paz e saudades.

Recebi sua última carta. Como sempre me encheu a alma e desta feita Deus lhe pagará tanto amor e interesse.

Foi na verdade uma carta espumante que me mostrava um pouco como estão esses entes queridos. Oh quanto estimei que todos estivessem bem! Sabe, é que consola muito mais os que estão longe e «arredados» saber que estão bem aqueles a quem se quer muito, embora a eles nunca o tivesse manifestado. É melhor o querer-se muito no silêncio. Que, todos agarrados aos seus deveres se vão tornando bons,

para fazer os outros melhores. Oxalá que o Quim tenha toda a sorte e que o seu rebento o leve a heroísmo. O Carlitos que se torne em leão lutador. Que o grande Zé seja sempre ele mesmo igual a mais. E que tudo se conjugue para que todos sejam operários ricamente multiplicativa. Que o Serafim seja, com sua Zeca, que eu conheço bem, uma boa pessoa integrado perfeitamente naquilo que é a mais bela das coisas materiais: a Lavoura. Gosto em especial do Serafim. Não me esqueço do Sr. Alfredo e do António Perú. A lavoura foi sempre dos meus amores e a ela tenho algo ligado: em vez de ir estudar por ter bom aproveita-

mento escolar, Pai Américo mandou-me para o campo. Isto por entre um sorriso paternal e uma mão amiga por sobre os meus ombros. Fiquei interiormente irado na altura, mas pelos tempos adiante lhe fui dando razão e hoje vejo quão verdade continha aquela frase e vejo que a Lavoura é sublime porque está mais perto do que é!!! E por respeito a isto, tenho afeição especial pelos homens que abrem as entranhas da terra para dar alimento aos homens que nesta altura jogem dela, preferem morrer à fome... a olhar para os espaços siderais, caminhando para o NADA!...

Muito obrigado por essas sublimes notícias. E quando lhe escrevo, não é para me responder a todos os parágrafos e entrelinhas, mas ficamos embebecidos quando recebemos algo e quando nos faz a esmolinha de nos comunicar alguma pontaziinha do verbo HÁVER!

Da minha vida não tenho nada a dizer, senão frizar o pormenor de somenos que hoje chorei muito, que hei-de chorar muito mais e que me aproximo, bastante apressado, do princípio do fim...

Felicidades para todos. Não me recomende a ninguém em especial. Prefiro amá-los todos escondido, dando a impressão que me são todos indiferentes.

Para si, vai o que ainda resta de meu pequeno coração.

Gostamos, estimamos e agradecemos muito, a visita de pessoas dos mais diversos pontos do país. Se por um lado a esmagadora maioria nos convida, por outro uma infima minoria desgosta-nos.

Isto vem a propósito duma cena a que assisti e da qual fui, também, protagonista. O verão é, normalmente, a estação do ano que somos visitados com mais frequência. Por isso, recebemos, há dias, um grupo que se intitulava de «Bem Fazer», creio que dos lados do Porto. Como ao domingo é raro estarem as oficinas abertas, (e compreende-se...) os componentes da Agremiação ficaram, por isso, aborrecidos. Depois, porque traziam um gira-discos, exigiram (foi mesmo assim!) energia eléctrica de uma das nossas casas para o aparelho funcionar. E dar, assim, início a um baile e outras «coisas» mais que, facilmente, se compreendem.

Se não gostamos que nada nos seja negado, os outros, com certeza, são, para si, da mesma opinião. Porém, como manda a Justiça e a Moral (a nossa Casa é um Santuário de Almas, disse tantas vezes Pai Américo!) não acedemos ao pedido do referido grupo — que se intitula de «Bem Fazer»! Primeiro, porque as Casas do Gaiato não são locais para bailes. Segundo, pelo mau exemplo que dariam — se o baile fosse avançado. E, por fim, pelo abuso de confiança: transpuseram a janela para conseguir utilizar, arbitrariamente, a luz; e gozar (é o termo...), sem se importarem dos olhares e da presença dos nossos irmãos mais pequenos!

Assistindo a tudo isto, Domingos Tecelão achou que aquilo não eram coisas que se fizessem e... zás! Cortou a luz — e muito bem! — sem explicação alguma. A sua reacção deu origem a ruidosos protestos; e os componentes do pseudo-grupo de «Bem Fazer» vomitaram tamanhos disparates, que é melhor não mencionar.

Por fim, e obedecendo a ordens superiores, acabaram, mesmo, por desistir do apetecido baile. Mas, repito, sempre com palavras e injúrias malcriadas!

É triste! Lamentamos que tais senhores usem um pendão de «Bem Fazer» e não saibam ainda qual o verdadeiro objectivo de uma Casa do Gaiato!

É triste... e de lamentar!

● De tantos e tão variados pedidos que temos feito, sentimo-nos acanhados, quando nos debruçamos sobre estas colunas para formular novo pedido. Desta feita, prefiro dar a palavra ao próprio necessitado. Oçam-no:

«Caros leitores. É pela primeira vez que eu escrevo para o «Famoso». É de início, faço um pedido.

Nós, os rapazes da rouparia, além de tratarmos da roupa e de cosermos botões... temos de passar a ferro. Mas como tal não é possível sem o dito, peço nos nossos queridos leitores o favor de nos enviar um. Somos apenas 3 rapazes e cada um tem o seu ferro. Mas estes são já do tempo de D. Caio!... Às vezes apanhamos cada esticão que nem queiram saber.

Se os senhores tiverem por aí algum ferro que lhes não faça falta, não se esqueçam de no-lo mandar. Obrigado.

Manuel Augusto».

A rapaziada gosta de andar «tironeas». Se as calças não vêm passadas em condições, vão pró «fagotes» dos da rouparia sem que eles sejam os culpados. Alguns vêm-se na contingência de pôr as calças debaixo do travesseiro para que no dia seguinte tenham vinco. Mas, normalmente, têm sempre meia dúzia deles!

«Temos que passar a roupa a ferro. Mas como tal não é possível sem o dito...»

FAUSTO TEIXEIRA

MIRANDA DO CORVO

Amigos Leitores. Mais uma vez a nossa presença no «Famoso».

● Os exames dos da 4.ª classe já findaram e um apenas reprovou.

● Os nossos colegas que estudam em Coimbra estão a terminar também e quase todos tem corrido bem. Os três de Seminário já fizeram pelos fins do passado mês de Junho e ficaram todos bem. Agora faltam os 6 que vão fazer a admissão ao Liceu e ao Seminário. Que sejam felizes.

● A fruta é das coisas que mais temos cá em casa, pois as árvores carregaram muito. Nós não a podemos comer toda (é muito menos estragá-la). Podemos vender alguma.

A batata que já arrancámos rendeu pouco. Falta arrancar ainda a batata da terra da Cova e a do Ribeirinho. É nestas terras que contamos ter muita.

● Da ninhada de 13 porquinhos que tivemos, 3 dos mais gordinhos ficaram. Os outros morreram todos. Eu ainda andei com tanto trabalho a dar leite em biberon aos dois últimos, mas eles eram teimosos, não queriam o leite. Foi talvez alguma parte da teimosia que os matou.

● Como ainda as duas ruínas não deitam água suficiente, o Sr. Padre Horácio quis continuar a mina nova. Já vão um bocado fundas. O Pascoal, o cavador, já quer espregitar a água e o Luis a dar ao sarilho dá vencimento ao Apóborá que puxa as cubas. Parece lá uma fábrica.

● A venda do «Famoso» embora um pouco melhor que nas outras vezes, precisa de ser mais espalhada, para que todos saibam compreender a necessidade da Casa do Gaiato.

Henrique

SINAIS

Cont. da PRIMEIRA página

sã do Povo chama mortas e são mortais — enxameiam o bairro ribeirinho.

À porta da Agência de um Banco que se reclama indiscretamente em páginas inteiras dos jornais (como não era até há relativamente pouco e é agora frequente entre os congéneros), um letreiro prevenia do NIGHT SERVICE que ali funciona. Eu vinha, ainda, tentando mastigar os cifrões que acendem e apagam em pleno meio-dia. Passara, entretanto, por vários Bancos e Agências impando de opulência (sem o mau-gosto de cifrões — valha-nos isso!). O NIGHT SERVICE, ali, onde misérias muitas têm direitos de cidade, fez-me subir mais fundo no meu pensamento.

Que influência perturbante têm os cifrões no significado das palavras! Serviço, ali, soou-me a ironia! Aquele serviço senti-o sinal de uma ruína que avança.